

# Quanto Vale um Bom Conselho

Les Paul



**D**ÊSSE QUE OS homens estavam cavando naquele dia não tinha nenhum atrativo para mim, mas eu fitava em muda admiração um operário de cabeça branca que, durante o intervalo para o almoço tocava uma velha gaita Cursava eu então a quarta série e pensei: “Se eu pudesse tocar música assim!”

De repente o trabalhador me ofereceu a gaita.

—Vamos, meu filho, experimente.

—Eu não sei tocar—respondi.

O velho olhou-me por instante.

—Ora, meu filho, é só você passar

esta gaita pela bôca e logo saberá manejá-la.

E acrescentou 11 palavras que encerravam o mais sábio conselho que já recebi na vida:

—Não diga que não pode enquanto não provar que não pode.

Lembrei-me dêsse conselho quando meu professor de piano me pediu que entregasse à minha mãe um bilhete humilhante que dizia: “O seu filho nunca aprenderá música. Não o espero mais para as aulas.”

Eu não estava disposto a desistir. Afinal de contas, não havia provado a mim mesmo que era incapaz de aprender música. Resolvi provar que era capaz.

Naquele ano aprendi sozinho a tocar violão observando um vizinho enquanto êle executava, acomodando os sons às posições dos dedos nas seis cordas, depois tentando repro-

---

LES PAUL e sua esposa, Mary Ford, imprimiram novo rumo à música em disco com sua original técnica ao violão e seus arranjos vocais. Hoje em dia seus discos são populares no mundo inteiro. Foram criados clubes de fãs de Les Paul e Mary Ford na Eüropa, no Canadá, Japão e até em Ghana.

duzir o que tinha visto. O processo foi longo, mas eu havia encontrado o instrumento musical que era capaz de dominar.

Quando tinha 20 anos, formei um trio com o meu próprio violão de *jazz* como instrumento dominante e parti para Nova York, centro da música popular de sucesso. Mas descobri que os chefes de orquestra recebiam friamente os desconhecidos e eram demasiado ocupados para ouvi-los. Um dia, esperando com meu trio no corredor de um edifício de escritórios da Broadway, avistei Fred Waring, regente de famosa orquestra, que se dirigia para o elevador. Decidi dar uma audição ali mesmo e naquele momento. Um dos componentes do nosso trio ficou apavorado.

—Você não vai conseguir que Fred Waring o escute aqui num corredor.

—Vamos provar que não podemos—disse eu, tirando da caixa o meu violão.

Por felicidade o elevador demorou a chegar. Quando afinal o espantado Waring entrou na cabina do elevador, já tinha ouvido e contratado o trio Les Paul.

Durante os anos que se seguiram trabalhei noite após noite fazendo experiências com o violão em busca de algum método que tornasse verdadeiramente característico êste instrumento. Por fim descobri um meio de fazer um violão soar como uma orquestra inteira de violões. Toquei e gravei separadamente cada uma

das partes de uma canção—ritmo, melodia, harmonia, fundo, depois reuni tôdas as gravações em um único disco, processo atualmente conhecido como “múltiplos”.

O primeiro disco foi um sucesso imediato. A Capitol me deu um contrato, e eu viajei para casa em visita à minha família e para um merecido descanso.

Ao regressar dessa visita, o meu automóvel derrapou na estrada, e eu fiquei estendido na neve durante oito horas até ser achado e levado de ambulância para um hospital. O melancólico inventário da minha papeleta de hospital relacionava fratura de vértebras, ombros, nariz, braço direito (em três lugares), costelas, bacia e pernas. Uma manhã os médicos entraram em silencioso desfile no meu quarto. Seria difícil restaurar o meu braço direito esmagado. Começou-se a discutir a amputação.

Reinou silêncio no quarto obscuro enquanto eu assimilava o sentido completo daquilo. A amputação significaria o fim da minha carreira e tudo aquilo pelo qual lutara. Deitado naquela cama, pareceu-me que eu era atirado para trás num recuo do tempo . . . para junto de um velho cabouqueiro que tocava uma gaita amassada e cujo conselho fôra o ponto de partida do triunfo, pequeno ou grande, que eu obtivera. Pude ver a cara encarquilhada do velho, ouvir suas palavras.

—Sabe duma coisa?—disse eu ao médico que estava mais próximo da minha cama.—Não falemos em não

poder salvar o braço enquanto não provarmos que não o poderemos fazer. De acôrdo?

Sucederam-se as operações em que o enxêrto de osso extraído da minha perna era aplicado ao meu braço, e finalmente foi afastada a ameaça de amputação. Meu cotovêlo espatifado foi reconstituído com uma chapa de metal. Êle iria ficar permanentemente rígido, mas à pedido meu foi fixado na posição correta para tocar violão.

Eu devia esperar ainda um ano e meio para verificar se poderia ou não tocar de novo. Mas baseando-me no princípio de que não havia *provado* que não podia, pus-me a orquestrar arranjos na minha mente, analisando, experimentando. O interior da minha cabeça tornou-se um disco *long-playing* particular, que armazenava música para o dia em que me fôsse possível pegar no violão e tocá-lo de fato.

Por fim chegou a hora de tirar o último aparelho de gêsso. Desajeitadamente a princípio, dei início à reeducação do meu braço direito. Foi necessária uma grande fôrça de vontade para formar um novo trio e recomeçar as excursões artísticas—mas essa, eu bem sabia, era a única prova segura. Durante um ano vivemos de cidade em cidade, de espetáculo em espetáculo, num trabalho esfalfante. Mas o sacrifício, apesar de ingente, compensou. Eu podia tocar como antes do acidente.

Daí a pouco estava gravando discos novamente, desta vez combinando os sons do violão com a voz de minha mulher, Mary Ford. A partir dessa época muitas pessoas de tôdas as partes do mundo têm apreciado os nossos discos o suficiente para adquirirem mais de 17 milhões dêles. E tem surgido um enorme interêsse pelo violão. Jovens de tôda a parte estudam êsse instrumento animadamente.

Há pouco soube que um músico meu colega, um pianista gravemente machucado num acidente semelhante ao meu, estava querendo abandonar a carreira, na certeza de que nunca mais poderia tocar. Bombardeei o homem com cartas, insistindo com êle para que voltasse à música. “Não posso”, era a sua resposta.

—Você *provou* que não pode?— insistia eu.

A insistência deu resultado. O pianista voltou à música, e do seu desânimo conseguiu ressurgir para um brilhante futuro.

Numa ocasião ou em outra, a vida põe diante de todos nós um muro de pedra—uma tarefa que parece impossível ou um problema que se nos afigura insolúvel. Quando isso acontecer a você não diga que não pode enquanto não *provar* que não pode!

Graças ao conselho do velho cabouqueiro, descobri que os muros de pedra, em sua maioria, cairão por terra se os empurrarmos com bastante fôrça.

